**O verbo da cruz[[1]](#footnote-1)**

*Há, pois, nesse verbo da cruz, muito mais que aceitação do sofrimento ou a prática da abnegação. A cruz é algo de positivo. É mais do que a morte. O verbo da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que são salvos, “ele é força de Deus”.*

No quinto capítulo do seu livro “Homem algum é uma ilha”, Thomas Merton apresenta-nos dezoito ricas reflexões a respeito do “verbo da cruz” que, diferentemente do que os judeus e demais povos à época dos primeiros cristãos acreditavam, não pode ser visto como uma loucura sob o ponto de vista negativo, apenas como aceitação do sofrimento ou prática da abnegação. O verbo da cruz, para os salvos, é algo extremamente positivo, é a força de Deus.

Na segunda questão, quando Merton inicia a tratar do sofrimento, ele afirma que o cristão não deve apenas aceitá-lo, tendo em vista que ele nada propicia por si só. Assim, não se deve ter fé no sofrimento, mas ele deve ser consagração em decorrência da fé em Deus. Em nada acrescenta ao cristão aceitar o sofrimento como algo inevitável e incompreensível, pois crer que existe valor no próprio sofrimento é uma ilusão, ele vale apenas como prova de fé. Merton apresenta-nos, em seguida, uma afirmativa emblemática que merece ser transcrita *in verbis*: “*Acreditar no sofrimento é orgulho; mas sofrer, acreditando em Deus, é humildade*”. Partindo dessa colocação, podemos perceber a equivocada visão sobre a força suficiente do orgulhoso para suportar o sofrimento, merecendo por tanto, inclusive, uma boa qualificação. Já a humildade propicia que a pessoa espere o inevitável sofrimento decorrente do mal que existe dentro de cada um, sendo causador, inclusive, se assim reconhecido, da abundante misericórdia de Deus, o que passa a ser um “bem acidental”. Esta é a razão para a já destacada consagração de nós mesmos a Deus, no sofrimento.

O terceiro item destaca o que a cruz de Cristo nos evidencia que é o poder dAquele que venceu o sofrimento e a morte com sua ressurreição. Assim, o sofrimento se destaca como símbolo e não como algo valoroso em si e o sofrimento de Cristo tem seu valor não pelo sofrimento, mas por ser dEle. Em decorrência dessa visão cristã, o oferecimento do sofrimento a Deus somente tem valor quando acreditamos que a ressurreição de Cristo despojou-o de todo sentido.

No quarto ponto abordado, encontramos a negação da ideia de que os santos aceitaram o sofrimento por dele gostarem, ou visando ganhar algum premio por isso. Nada impede que eles odeiem o sofrimento, mas, pelo amor que sentem por Cristo, aceitam qualquer provação, e mais, não o fazem por algum tipo de proeza, mas pela caridade de Cristo que existe em seu coração. Afirma, então, Merton, que ninguém é chamado para sofrer por amor ao sofrimento.

Na quinta questão, Merton afirma que devemos exprimir as verdadeiras profundezas do que somos, do que desejamos ser e do que chegamos a ser, mas se vivemos como verdadeiros cristãos, o nosso nome, a nossa personalidade e o nosso trabalho se adequarão ao caráter sacramental que cunha nossa alma e nos leva a expressarmos nossa identificação espiritual. Tudo isso evidencia-se quando o sofrimento nos questiona sobre quem somos. Assim, se abraçarmos o que somos destinados a ser pelo chamado divino, quando interrogados pelo sofrimento, estamparemos a nossa identificação, decorrente da união da nossa pessoa com Cristo Jesus.

No sexto item encontramos a relação que Merton faz entre o batismo e o sofrimento, destacando que este deve ser compreendido a luz daquele, tendo em visa que o batismo é a aplicação da paixão de Cristo à nossa alma. Lembra-nos de que, pelo batismo, somos enxertados no corpo místico de Cristo, introduzindo-nos na comunhão dos santos, cuja vida deriva da paixão de Cristo.

Já no sétimo aspecto trabalhado, Merton dá continuidade à relação entre batismo e sofrimento, destacando a única possibilidade de consagrarmos o sofrimento como fruto deste sacramento. Complementa, ainda, dizendo que apenas podemos consagrar o sofrimento e nós mesmos ao Senhor quando somos capazes de reconhecer o sofrimento como a dor sacramental do amor de Cristo que nos é dado pelo Pai, juntamente com a minha verdadeira identidade.

O oitavo ponto nos apresenta uma importante afirmativa que aponta para o sofrimento como sendo inútil e odioso, na verdade uma maldição, caso não seja acompanhado pela fé. Lembra-nos de que uma sociedade que busca apenas a extinção do sofrimento, tentando substituí-lo por conforto e prazer, está fadada a destruição, afirmando, ainda, que o pecado é o grande e inevitável mal caso consideremos o prazer como o maior bem e o sofrimento o maior dos males, pois, o enfrentamento do sofrimento, frequentemente, torna-se um mal menor diante do pecado que é o mal maior. Para melhor explicar tal afirmação, Merton esclarece a diferença entre o mal físico (sofrimento) e o mal moral (pecado), destacando a impossibilidade do primeiro de penetrar em nosso ser, sendo incapaz de causar dano ao nosso espírito, diferentemente do pecado, com sua capacidade de atacar a profundeza de nossa personalidade, destruindo a nossa orientação fundamental para Deus que é a única realidade de que depende o nosso caráter. Dessa forma, o pecado vai contra a verdade, contra a obediência e contra o amor, pois ele faz o que Deus não quer, conhece o que Deus não conhece e ama o que Deus não ama. Com tudo isso, lembra-nos Merton, quando pecamos, “*o nosso espírito morre de inanição*”.

Merton, no nono ponto abordado, descortina o importante aspecto de quando sofremos sós, situação que ele considera um desperdício, pois só ocorre com aqueles que não conhecem Cristo, pelo fato de não haver comunhão alguma. Aponta a tristeza do amor que não nos permite comungar do sofrimento de quem amamos e, com isso, fica evidente a fraqueza de nosso amor, incapaz de vencer o sofrimento. Destaca, entretanto, que o nome, a cruz e o sangue de Cristo Jesus transformam tal situação, pois na paixão de Cristo, a nossa fraqueza transforma-se em uma divina força, capaz de tudo vencer. Dessa forma, o amor desconhece a separação e enfrenta qualquer sofrimento, desde que tenhamos a clareza de que Cristo está vivo em nós e que vivemos do poder de Sua morte vitoriosa. Unidos em Cristo e com aqueles que amamos no Senhor, quaisquer que sejam os sofrimentos ou obstáculos serão vencidos. Guiados pelo divino amor, com a esperança da presença viva de Cristo em cada um de nós, jamais poderemos ser apartados do Pai.

O décimo item tratado nos traz a questão do heroísmo solitário, sendo destacada por Merton sua inutilidade, lembrando-nos de que é totalmente despida de orgulho a fortaleza da caridade de Cristo que nos é oferecida. Merton lembra o necessário reconhecimento de nossas fraquezas para poder sermos aquinhoados pela força divina a qual é recebida como dom. Por ser a própria força divina, é inaceitável o orgulho humano a ela referente.

Já no décimo primeiro item, Merton se posiciona contrário à ideia de que, conheceremos somente os próprios sofrimentos ao conhecermos a cruz, pois a cruz é o sinal da salvação, é o caminho pelo qual Cristo, com seu sofrimento e, sobretudo, com seu amor, concedeu-nos a salvação. Lembra-nos, ainda, que conhecer o amor de Cristo não é meramente apropriarmo-nos de uma informação, mas sim experimentarmos esse amor, com o Pai derramando Seu Espírito em nosso coração. Por este caminho, Merton explica a conexão existente entre sofrimento e contemplação, sendo este a penetração no mistério do amor de Deus em decorrência de uma divina sabedoria.

Quanto ao décimo segundo ponto abordado, o autor nega a concepção de que os santos terem assim se tornado pelo fato do seu sofrimento, até porque o sofrimento não fora criado por Deus, mas após o homem tê-lo criado, o Senhor o transformou em caminho para que o homem possa adequadamente conhece-Lo.

No décimo terceiro item, encontramos uma relação direta entre o efeito do sofrimento e o que se ama, assim, Merton nos lembra de que o sofrimento torna-se odioso caso nos amemos de forma egoísta, pois emergindo o mal que existe em nós, consequentemente, tudo faremos para que não soframos, sem qualquer preocupação com a distinção entre o bem e o mal. Dessa forma, se nos amamos egoisticamente, cada vez mais o egoísmo exteriorizará, tornando-se cada vez pior. Segundo o autor, caso amemos os outros e, de forma solidária, com eles soframos, esse sofrimento passa a ter uma certa nobreza e bondade, exibindo o que há de belo na natureza humana. Porém, se amamos Deus e os outros nEle, ficaremos felizes por deixar que o sofrimento destrua o que Deus deseja que seja destruído em nós, pois, certamente, são coisas desprovidas de qualquer importância. Assim sendo, se amamos a Deus, pouco importa o sofrimento, pois o importante é Cristo em nós.

A décima quarta abordagem feita por Merton nos traz a importância da Igreja no processo de consagração do nosso sofrimento, por ser este um ato sacerdotal e este só é possível por delegação divina das riquezas da paixão de Cristo. Assim, o autor destaca os sete sacramentos, capazes de transfigurar a fraqueza e a pobreza humanas na morte e na ressurreição de Jesus. Para tanto, a Igreja, por sua origem humana e divina, deve ungir as almas com o Espírito Santo, imprimindo-lhes o caráter sacramental. Lembra-nos a importância do batismo, conferindo a todos uma comunhão no sacerdócio de Cristo, mas também a importância de ser complementado pela eucaristia.

No décimo quinto ponto, Merton aponta a inutilidade do sofrimento quando ele serve apenas para sofrimento próprio, convertendo amor em ódio e transformando tudo em medo, e caracterizando a união entre sofrimento inútil e pecado, razão pela qual esse tipo de sofrimento não pode ser consagrado a Deus. Entretanto, Merton nos lembra que, pela graça de Deus, de forma milagrosa, o sofrimento inútil e estéril pode ser transformado em fecundo, estancando as feridas do pecado. Para tanto, faz-se necessário que, verdadeiramente, nos voltemos a Deus.

Merton, em sua décima sexta abordagem do tema, traz-nos a importância do silêncio em relação ao sofrimento, pois o rebuliço feito sobre as tribulações lhes tira todo o fruto possível, transformando-as em auto-piedade ou ostentação pessoal. Assim sendo, para Merton, a única atitude descente é o silêncio.

No penúltimo ponto abordado, o décimo sétimo, Merton nos exorta a enfrentar o sofrimento sem impor qualquer teoria aos outros, jamais tecendo uma nova filosofia de vida, jamais destacando a coragem e, muito menos, proclamando-se um mártir. Lembra-nos o autor da importância de reconhecermos nossa fraqueza e nossa pena, sem, no entanto, divulga-las. No entanto, reconhece a dor e a dificuldade de vivência cotidiana das dores, a monotonia dos pequenos sofrimentos e o reconhecimento da pobreza e do “eu” cada vez mais reduzido. Precisamos aceitar tal realidade, aceitação esta que se transforma em heroica humildade e caridade, mas sempre associada à visão de Cristo em tudo, fortalecendo-nos e alimentando a nossa alma com Seu Espírito.

No décimo oitavo item, o último deles, Merton nos mostra a importância de sofrermos sem crítica, sem ódio, sem ideia de vingança ou busca de compensação, sofrendo, assim, com a caridade de Cristo, dando glória a Deus. Lembra-nos de que tanto o começo do sofrimento como o seu fim são desprovidos de importância, bem como sua causa e sua explicação, desde que seja, de fato, decorrente da vontade de Deus.

Por fim, trazemos a fala de Merton, utilizando suas próprias palavras:

Devemos, enfim, procurar mais do que uma aceitação passiva do que nos vem de Deus, devemos desejar e buscar em todas as coisas a total realização da Sua vontade. E devemos achar nessa realização a comunhão com Jesus, que disse: “*Desejei, com grande desejo, comer esta Páscoa convosco, antes de sofrer*” (Lc 22,15).

Resenha elaborada por Rev. Frei João Milton.

1. Segundo capítulo do livro Homem algum é uma ilha de Thomas Merton. [↑](#footnote-ref-1)